

# EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

**"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"**  
Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Director: **João Bento Raimundo**

Redacção: **Rua Comandante Salvador do Nascimento**  
**TeL 21634/23662 6300 GUARDA**

Propriedade: **Instituto Politécnico da Guarda**

Execução Gráfica: **Secção de Reprografia do IPG**

Depósito Legal Nº **17.891/87**

**Reprodução total ou parcial proibida**

**Nº VII / Janeiro de 1991**

## **PROGRESSO POR OBJECTIVO**

O sétimo número de "*Educação e Tecnologia*" coincide com o início de mais um ano lectivo, o mesmo é dizer, com uma nova fase do Instituto Politécnico da Guarda. Nova, porque o Instituto Politécnico da Guarda cresceu em número de cursos, de alunos e professores, aumentando as exigências, qualitativas e quantitativas. Enfim, o Instituto Politécnico lançou já os seus primeiros diplomados.

Hoje são já umas dezenas; o amanhã, que é breve, os fará crescer.

Isto significa que a nossa Instituição é posta à prova em termos práticos.

Estamos a desenvolver uma formação que dê aos nossos jovens uma realização académica a par das exigências da sociedade moderna; que da justaposição de ambas surja uma adequação o mais perfeita possível à resposta interior do indivíduo no campo do estar, do fazer, do ter, do ser.

O espaço de diálogo, de abertura, de confronto de ideias, de registo de experiências que vem constituindo "*Educação e Tecnologia*", ficaria incompleto se nele não viessem a tomar lugar também aqueles que primeiro motivaram a sua existência.

Bem-vindos serão, também, os registos de quantos, como empregadores, vão testar, no terreno, o que laboriosamente proporcionámos que se ajustasse às solicitações de uma produção eficaz e digna.

Quisemos dar mais oportunidades ao nosso Distrito - por isso existimos como Instituição de Ensino Superior. Quisemos dar mais oportunidades à juventude - por isso aumentámos o número de vagas e de cursos, apostámos na qualidade e formação do corpo docente, continuamos a melhorar as instalações. Queremos dignificar o ensino e engrandecer o País - dialogar, modificar, adequar.

Parafrazeando A. Comte:

*"Amor por princípio / Competência por base / Progresso por objectivo"*.

**João Bento Raimundo**  
Presidente da C.I. do I.P.G.

# A FAMÍLIA AGENTE DA EDUCAÇÃO

---

Manuel Alte da Veiga\*

---

## INTRODUÇÃO

Quem é que não se acha com o direito de dar a sua achega sobre educação - oportunamente e importunamente? E na realidade: se existem, por um lado, especialistas em educação, não é verdade também que cada pessoa tem o direito - e o dever - de educar? Ou dito sem reбуços: a educação é um trabalho de todos - do nascimento à morte - e ninguém se pode desculpar com a existência de especialistas. Deve-se até dizer que a nossa sociedade se habituou a entregar a especialistas muitas coisas que não são totalmente alienáveis nas mãos de outros: não tenho que me preocupar com a ordem, porque há "agentes da ordem"; nem com a política, porque há "agentes da política"; nem com a justiça, nem com a caridade, nem com o lixo, nem com a mudança, nem com a morte ... porque há "agentes" especializados para tudo isto e muito mais ...

A tendência à especialização atingiu os nossos deveres sociais e já provocou várias tentativas de reorganização social. Convém, ao falar da família, ter presentes estas possibilidades de alteração, que atingem a própria organização familiar.

E contudo há aspectos que terão sempre de ser considerados. Porque a família, suceda o que suceder, será o ambiente imediato das pessoas mais significativas para a criança.

---

\* Professor Associado, Coordenador do Departamento de Ciências da Educação da U.T.A.D.

## EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

A educação é um dever de todos: toda a pessoa humana, pelo facto de ser racional, preocupa-se com o *que vale mais a pena*; e essa preocupação alarga-se a todos os seres humanos como "devendo" ser capazes de formular e satisfazer a mesma pergunta: "o que é que vale a pena?"

A História da Humanidade pode ser considerada como a história das tentativas de resposta: por parte de um povo inteiro, ou de alguns "iluminados", de pensadores, de generais ou de ditadores - ditador é todo aquele *que impõe* a sua resposta, sem razão ou mesmo com razão, num pequeno grupo ou a nações inteiras.

Com acertos e com erros, todas as civilizações são uma "proposta de resposta". O que implica que todo o ser humano tenha que conhecer bem a *proposta* da sua civilização e se possível várias outras propostas. Com a consciência de que todas procuram a verdade, e que cada qual tem que dar o seu próprio contributo a essa procura.

Como primeiro acto, o objectivo da educação é fortificar o novo ser humano, para que possa enfrentar os desafios da vida. O étimo latino *educare* significa "produzir, alimentar, cultivar". Com o mesmo radical, existe o verbo latino *educere*, que significa "fazer sair", "tirar para fora", "conduzir", "guiar" ... Nos dois verbos latinos, muitos educadores vêem as duas *componentes conflituosas* da educação: "alimentar" a criança como "os outros" acham melhor; "fazer sair" toda a riqueza própria da criança, que se manifeste segundo o seu modo de ser espontâneo, criativo, ingénio ...

Há mesmo quem veja em *educare* o símbolo da "escola tradicional", e em *educere* o símbolo da "escola nova".

Na realidade, quando se aplica ao ser humano, não há *educare* sem *educere* nem vice-versa. O indivíduo manifesta a sua unicidade, a sua criatividade, segundo os meios expressivos e estimulantes do meio ambiente, e por isso mesmo é conduzido, "alimentado" e *limitado* por esse meio ambiente.

O ambiente humano imediato é a família.

A dependência originária da mãe é um fenómeno natural. Mas já o próprio aleitamento pode afastar a mãe biológica. E o número e estatuto de "pessoas significativas", daquelas que maior relação afectiva estabelecem com o bebé, já pode variar de cultura para cultura. É sugestivo que o étimo latino *família* designasse o conjunto dos servos habitando sob o tecto e autoridade do patriarca (*paterfamilias*), e incluísse as terras, animais domésticos e *todas as coisas* necessárias para esse grupo social.

A família, no sentido actual de unidade social básica, "instintiva", de vida em comum de dois ou mais adultos e filhos, é

ainda o *terreno* natural, autónomo e suficiente para cultivar a pessoa (*educare*) e deixá-la crescer sem a violentar (*educere*). Na família, não há lugar para *sedução* - etimologicamente, seduzir é arrastar para longe de si próprio, para longe do que é seu, para longe do seu meio "vital"; a família pode assim ser compreendida como o lugar ético por excelência, pois "ética" designa etimologicamente "aquilo que nos pertence", "o lugar a que estamos acostumados" (gr. *ethos*, indo-europeu "swédh" noção reflexiva + noção de fazer). O homem é ético quando faz "o que convém", aquilo que "lhe fica bem".

Podemos dizer que, para bem e para mal, a família é o lugar de emergência do "bom" e do "mau", a partir sobretudo do fenómeno de identificação. E é na família que se *aprende a conhecer*, a ter relações íntimas com algo ou alguém para fora de mim, que a própria família apresentará como mais ou menos "notável" (vocábulo da mesma raiz de "conhecer").

Em suma, o mundo começa a organizar-se, a exprimir-se e a ser "debatido" - de um "modo familiar".

## AGENTES DA EDUCAÇÃO

É agente tudo o que provoca alteração, tudo o que pode ser imputado como causa de determinado efeito. Ora a família como um *todo* (quer se entenda a família nuclear quer a família alargada), influi poderosamente, e com efeitos indeléveis, no processo do desenvolvimento de cada filho.

A palavra "agente" também supõe a ausência de passividade: pelo contrário, tudo o que seja palavras, acções, sentimentos, etc., respeitante a um membro da família, onde a nova pessoa se solidifica ou se destrói.

"Agente da Educação" pode pois, como as ciências humanas largamente exemplificam, ter um sentido ambíguo. Por outro lado, por muito má ou muito boa que seja uma família, no seu conjunto, não domina totalmente cada um dos seus elementos: a variável pessoal pode ser uma contínua surpresa.

Como unidade básica, (diz-se mesmo "como célula da sociedade"), tem que revelar uma coesão peculiar, auto-alimentadora; e também tem que revelar fortes pontos de contacto com o "exterior", com o mundo humano para além da família nuclear ou da família alargada.

Poder-se-á uma família construir "de fora para dentro", isto é, sob pressão da sociedade? Não o cremos: "não parece natural" e não corresponde à dignidade da pessoa humana. Todos os influxos externos tendem a ser interiorizados e "peculiarizados" pela família.

Convém ter presentes os dois aspectos: auto-alimentação (*educação ad intra*); acção e reacção com o exterior (*educação ad extra*).

## FAMÍLIA "GRUPO PERFEITO"

Como objectivo central para toda a educação, a actual Lei de Bases do Sistema Educativo propõe um estilo de vida democrático, que impregne, por assim dizer, toda a actividade do cidadão. Infelizmente, "democracia" tem-se revelado um conceito fortemente ambíguo, sobretudo na boca de políticos.

O célebre filósofo da educação John Dewey escreveu muito justamente: "A Democracia é mais do que uma forma de governo: é, antes de mais, um modo de viver em associação, um modo de viver uma experiência comum e comunicada" (cit. WARNOCK, Mary, *Schools of Thought*, Faber and Faber, London, 1977, p. 65).

Como "um modo" de viver, implica *escolha*: supõe o exercício da nossa razão, que considera esse modo como o que "vale mais a pena" (pelo menos *hic et nunc*). É portanto na plenitude das suas capacidades que essa associação aqui em foco - a família - deve viver uma experiência comum e comunicada.

O termo "experiência" evoca viagem, perigo, porto de passagem.<sup>(1)</sup> Perigos e descobertas vividos em comum, mas interiorizados e valorizados ao modo e capacidade de cada qual: a viagem e o perigo multiplicam-se pelos elementos da família. Por isso, não havia interesse, não havia grupo verdadeiro, se essa "experiência comum" não viesse a ser comunicada, debatida, analisada, enriquecida, numa comunicação que irá, por sua vez, aumentar o património da experiência comum (orgulho, aliás, de tantas famílias ...). Quanto mais vasta for a experiência comum e comunicada, maior será o domínio e o sucesso desse grupo sobre os acontecimentos da vida. E quem não participa fica isolado.

É nesta perspectiva que vão ser abordados alguns traços característicos desse grupo chamado *família* e que desejaríamos - porque o pode ser - um modelo de grupo perfeito.

## GRUPO PECULIARMENTE DIFERENCIADO

Onde cada elemento é uma experiência, uma viagem e um perigo para o outro. Perigo físico até. Estatisticamente, a agressividade é mais frequente e fatal no seio das famílias... Serão famílias racionais?

Na família há adultos e crianças: adultos que já foram crianças mas com experiências diferentes da criança de hoje. Se a mãe, geralmente, está biologicamente perto do bebé, já o pai, se ficou "de fora" nos primeiros dias do filho, perderá o conhecimento intuitivo do seu próprio filho, da sua expressão não verbal ... e já não terá os trunfos necessários para bom

---

(1) Idela condutora da raiz per.

educador, com uma boa comunicação - faltará o vocabulário adequado e oportuno. Para acompanhar a "viagem" do filho, pai e mãe terão que *investigar o mundo* junto com o filho - e falar do que se vê ...

É entre homem e mulher que ganha forma o modelo da discussão: escutar e falar com simpatia e discernimento, de tal modo que o *desacordo, claramente manifesto*, não afecte a união e progressiva descoberta positiva do outro. O desacordo manifesta-se racional e os filhos aprendem que a ordem pode desagradar e ser boa - irmão, p. ex., mais cedo para a cama, e os pais até ficam livres para discussões de outro nível... que a seu tempo serão "experiência comunicada", actuando, inteiramente, como um vasto e nebuloso horizonte, mas tranquilizante porque "familiar". Pode, por ex., viver a mulher o stress da maternidade, e o marido aprender a *não fugir* perante a ansiedade do outro, sobretudo de um outro muito íntimo.

O sexo é outra diferença, e primordial. É como seres sexuados que fazemos todas as nossas "experiências". Ao pôr a experiência em comum, é a sexualidade de cada qual que se revela, se contrasta e se identifica - e assim se torna mais rica. Todo o preconceito é uma falha de abertura, e no campo sexual é frequente. Inibições e fantasmas podem vir "ao cimo", evitando-se a tortura do recalçamento. A sociedade actual pôs a sexualidade "em crise", e esperamos que surjam uma linguagem e um comportamento o menos ambíguos possível. Deixando a palavra a muitos autores e cursos de valor (p. ex. as obras e cursos do Dr. Nabais), resume-se aqui como o "grupo perfeito" permite a alegria da descoberta sexual, das virtualidades biológicas e da força do sentimento - peculiares ao homem ou à mulher.

## LUGAR DE TENSÕES

Reza um ditado que "toda a gente devia casar três vezes de preferência com a mesma pessoa". Porque, de cada vez, a mesma pessoa seria uma pessoa diferente... É por isso que uma "experiência comum" pode e deve ser continuamente "comunicada".

Cisões entre os pais provocam imagens contraditórias na mente da criança, dificultando a integração e gerando insegurança. Por isso, muitos pais até combinam não discutir em frente dos filhos; mas se vão ao exagero da falsidade, esta também é percebida pela criança e geram-se os mesmos sintomas de ansiedade. É preferível discutir "democraticamente", segundo as regras do grupo perfeito: a criança, ao participar numa discussão racional, mesmo que seja só ouvindo, descarrega os seus temores.

Um caso extremo de cisão é o *divórcio*: o grupo desfaz-se. Desfaz-se não porque haja incompatibilidade, mas porque se

ofendeu, repetidamente, uma regra elementar do grupo perfeito: a *tolerância* (frequentemente, até, há manifesta crueldade). A integridade dos filhos sofre sempre uma grave quebra, mesmo quando os pais procuram jogar lealmente um com o outro e com os filhos, tentando mesmo manter o grupo numa outra reestruturação espaço-temporal. Segundo vários autores, antes do divórcio deviam-se considerar as seguintes prioridades (ficando esclarecido que o divórcio antes da adolescência dos filhos é profundamente negativo):

1) A criança precisa de se sentir feliz com a mãe, e de sentir que a mãe se sente feliz;

2) A criança precisa de se sentir feliz com o pai, e que o pai se sente feliz;

3) A criança precisa de se sentir feliz com os seus amigos e no ambiente que conhece;

4) A criança precisa de sentir que os pais são felizes um com o outro.

Por outro lado, estudos recentes apresentam como formas principais da disfunção familiar: a acentuação do lado negativo das coisas; a incapacidade de os pais observarem o comportamento dos filhos, discriminando pequenas melhorias ou o esforço despendido; as punições sem critério; baixo índice de contacto afectivo; relações baseadas no poder, na força e na coerção, provocando agressividade. Em suma, não há uma experiência comum e comunicada. A desagregação familiar gera personalidades desagregadas, incapazes de um contacto globalmente positivo com os outros.

## **EIXO DO CONTACTO COM O MUNDO**

Já desde a infância, o pai representa, normalmente, o mundo exterior à família, com a vantagem de ser simultaneamente um elemento íntimo do grupo. Pelo tempo fora, dá-se um vaivém de experiências que encontram - deviam encontrar - a matriz de interpretação no grupo perfeito da família.

Pode-se assim reduzir a ansiedade de pais e filhos, perante a ameaça do "perigo externo" (esta ansiedade é obviamente menor na "família alargada", onde muitos parentes se preocupam um pouco uns pelos outros). O perigo externo tanto pode ser a doença, como o acidente ou ideias estranhas. Mas é comunicando esta experiência (= *perigo*), que pais e filhos enriquecem o conceito de maternidade, paternidade e irmandade. Um "perigo" característico é o jardim de infância, onde os filhos e pais fazem frente a mais filhos e mais pais. Se toda esta experiência é partilhada, a mãe sente valorizada, p. ex., a sua profissão de mãe, e o filho saberá melhor o que representa e o que é o trabalho do

pai. Muitas perturbações mentais de pós-maternidade poderiam ser assim evitadas.

## UM GRUPO PARA A INDEPENDÊNCIA

Uma característica importante do educador é saber-se apagar. Como agente da educação, também a família tem de saber-se apagar. A família *toda*, o grupo todo, e não só os pais. Há muitos filhos que não dão independência aos pais - e há muitos pais que não se sabem tornar independentes dos filhos.

E, contudo, a independência está no *educare* e no *educere*: alimentar um *outro*, que se vai desenvolver *outramente* - ou não terá o significado de um novo ser humano.

Felizmente, a vida encarrega-se de impor aos pais que não possam estar sempre a pensar nos filhos... e muito mais que não possam estar sempre com os filhos.

Se os pais aceitam estas limitações mostrando-se felizes, desenvolve-se um sadio *sentimento* de liberdade para os filhos.

A liberdade dos pais e dos filhos tem que estar presente, consciente, no grupo perfeito. Evitam-se muitos fantasmas doentios sobre o que o filho deve ser ... É particularmente doloroso para os pais, mas condição de saúde mental para os pais e filhos, reconhecer a realidade própria, única, de cada qual, e que "crescer é diferenciar-se", separar-se. Mas não são só os filhos que crescem - os pais continuam a *crescer* com os filhos.

Educar para a aceitação da própria identidade e independência, implica a capacidade de estar sozinho e de aguentar a solidão. A solidão amadurece a acção pessoal, a reflexão; é necessária para a sabedoria, para as realizações artísticas, filosóficas ou religiosas; na solidão integram-se as novas experiências, e aprende-se a aprofundar e a aceitar a unicidade de cada qual - a tolerância.

A solidão é pois ingrediente do grupo perfeito, que respeita e capitaliza a criatividade que dela resulta. Quando não houve aprendizagem de solidão, esta é procurada em fugas como a droga, a televisão, o sexo ou a dependência patológica.

## VELHICE, MORTE E LUTO

Situações extremas da vida, que não podem deixar de ser "experiência comum e comunicada". Cada um de nós envelhece e morre um pouco, com os outros que parecem ir à frente - "parecem": pois a velhice e a morte são a experiência do tempo perante a eternidade.

Até de um ponto de vista muito prático, os velhos são imprescindíveis no grupo perfeito: são a consciência do fenómeno das gerações; da contínua interdependência da

humanidade; aumentam assim a memória pessoal dos mais novos; e mesmo se a sua experiência já é em grande parte prescindível com o progresso técnico, podem sempre falar das coisas, das "mesmas coisas", ao modo de quem viveu muito e já sente a morte, e portanto sem ilusões nem fantasias. Por outro lado, integrando os velhos no grupo, estes estão a ser úteis para si próprios e para os outros. O ideal é que possam *tratar dos outros*, e o grupo é capaz de encontrar muitas formas bem sensíveis de empregar as pessoas idosas. A velhice é muitas vezes o tempo de manifestação da criatividade pessoal: e pode - e deve - manifestar ao grupo como até ao fim da vida convém guardar o *espírito infantil* que encara todo o futuro com expectação e entusiasmo.

Situação particularmente penosa é a da velhice em total dependência de cuidados, que pode agravar-se com compensações neuróticas: a da pessoa idosa, como bebé mimado e insatisfeito; a do "protector", que se satisfaz vincando a situação de dependência. É uma experiência dolorosa - e como tal deve ser partilhada no grupo perfeito. Quando é reconhecida a igual dignidade de quem é velho e de quem é novo, de quem é doente e de quem é saudável, um e outro se podem sentir recompensados por se debruçarem em conjunto sobre os mistérios e as raízes da vida e da morte, contribuindo para o enriquecimento da humanidade.

Nas famílias de tipo tradicional, a morte é um acontecimento participado - segue as leis do grupo perfeito. Num aglomerado de estranhos, isto é impossível. O tabu moderno obriga a *esconder a morte*. Ora a morte, paradoxalmente, integra-se na vida, e como tal deve ser vivida. Aliás, "vamos à vida porque a morte é certa". A consciência da morte é levar a vida a sério e levar a sério a componente generacional da Humanidade. É a consciência de uma gigantesca obra comum. É seguir os que alcançaram o topo da montanha.

A morte na velhice acaba facilmente por ser aceite pelo próprio, mesmo depois de um agressivo inconformismo e depressão. Os circunstantes não devem dramatizar os últimos dias, mas ser uma presença calma. A morte, como a dor, também se divide, é interiorizada e gera frutos. Num grupo em que a morte é também uma riqueza participada, mais facilmente o moribundo pode selar a sua vida com selo de ouro, interessado sempre pelos outros, confiante no sentido da vida, e até com surpreendente bom humor.

No luto, por fim, é bom que as pessoas possam falar claramente, chorar à vontade, e também ouvir o elogio de que estão a ser corajosos e um bom exemplo. A memória do morto, assim, longe de se tornar tabu, é *agradável* (até nos acontecimentos lembrados), *comum* e portanto *viva*. Normalmente, o luto traz consigo perturbações psicofisiológicas e depressão, antes de o tempo nos fazer sentir de novo que estamos vivos. É mais uma crise: como tal, obriga-nos a

abandonar comportamentos antigos, que devem ser reestruturados, sem regressões. É muitíssimo importante poder conversar com *simpatia*, não importa sobre quê. A "pura companhia" também é própria do grupo perfeito.

Esta *simpatia* é imprescindível, quando se trata de crianças: a criança não sabe exprimir o seu luto, nem é capaz de reorganizar funcionalmente a sua personalidade, pois está em contínua e confusa transformação. O seu silêncio é frequentemente interpretado como pouco sofrimento, o que não é verdade: pode não sentir a morte, mas sente a *ausência*, e a estranheza do comportamento dos adultos. A mentira sobre a morte em geral, ou sobre o facto morte de um parente, só aumenta as situações embaraçosas. A perda de parentes significativos é sempre traumatizante e deixa marcas no futuro; a criança não saberá exprimir-se verbalmente, mas o seu comportamento é perturbado. Se é difícil ou impossível dialogar com verdade, o mais aconselhável é deixar a criança *participar* no luto (enterro, tristeza, conversas, etc.) e satisfazer adequadamente a curiosidade da criança, para que esta não recalque a ansiedade. Mas também é preciso manter as experiências de amor, segurança, e de amor ao "ausente", quanto possível sem perturbar o ambiente familiar. Mais uma vez, o grupo perfeito salva e cresce, com uma nova experiência.

O luto bem sucedido dá lugar a novas energias e a novos amores, mas continuando sempre a consciência da pessoa que morreu: não se trata de doentia identificação com o morto, mas de interiorização de tudo o que é amável e portanto eficaz para melhorar o convívio humano; o que também nos vai preparando para a morte e para, por nossa vez, deixar boa memória...

## CONCLUSÃO

A família como agente da educação foi considerada como *grupo perfeito* e nessa medida modelo para a sociedade que pretenda "um modo de viver uma experiência comum e comunicada".

É neste grupo perfeito que são iluminados os paradoxos da autoridade, doutrinação, direitos e deveres dos valores em geral e da própria noção de modelo. Enfim, no grupo perfeito põem-se continuamente em jogo os paradoxos da educação. Seguindo esse modelo, a família educa porque se "inter-educa".

## RESUMO

A família como agente da educação é aqui abordada como exemplo de "grupo perfeito" e nessa medida modelo para uma sociedade que pretenda "um modo de viver uma experiência comum e comunicada". Neste "grupo perfeito", podem ser iluminados os paradoxos da autoridade, doutrinação, deveres e direitos e dos valores em geral, como "lugar de tensões" evoluindo com o tempo, apto a formar um indivíduo capaz de viver e superar os conflitos da sua existência, incluindo o sofrimento e a morte.

## Bibliografia

- Campanini, Gianna e Giorgio, *Família*, in *Nuevo Diccionario de Espiritualidad* (dir. de St. de Flores e T. Goffi), Trad. e adaptação do orig. italiano, Ed. Paulinas, Madrid, 1983.
- Duck, Steve, *Human Relationships*, Sage Publications, London, 1986.
- Horton, Paul B., e Hunt, Chester L., *Sociologia*, Trad. Auriphebo Berrance Simões, Mc. Graw-Hill, São Paulo, 1980.
- Nabais, João António, *Para uma pedagogia da educação sexual*, Educa, Cacém, 1986.
- Rayner, Eric, *Human Development*, Allen and Unwin, London, 1986.
- Thomas, Louis-Vincent, *Anthropologie de la Mort*, Payot, Paris, 1980.
- Vasconcelos, Evaristo de, *Arte de Bem Viver*, Editorial A. O., Braga, 1986.
- Veiga, Manuel Alte da, *Filosofia da Educação e Aportas da Religião - A problemática do Ensino Religioso*, I.N.I.C., Lisboa, 1988.
- Veiga, Manuel Alte da, *Uma Concepção de modelo no ideário educativo - implicação para o ensino cristão*, Separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, 42 (1986) 3-4, pgs. 425-431.